



Leitura e escrita: Desafios e perspectivas nas séries iniciais do Ensino Fundamental

Marta Suely Madruga da Silva¹; José Jakson Amancio Alves²

Resumo: A presente pesquisa bibliográfica tem por objetivo geral analisar as dificuldades da aprendizagem de leitura e escrita nas séries iniciais do ensino fundamental. O tema diz respeito a leitura e escrita no ensino fundamental. Entende-se que o domínio da leitura e escrita é de extrema relevância para a construção de um sujeito crítico. Dessa forma, para compreender melhor as dificuldades encontradas no dia a dia da práxis pedagógica, é importante considerar o que é leitura e escrita num mundo letrado, acreditamos na necessidade desta discussão por entender que o ambiente escolar tem naturalizado inúmeras questões no que se refere à prática da leitura e da escrita. A investigação se alicerça numa metodologia de natureza bibliográfica. Foi de suma importância para a compreensão do fenômeno estudado, acreditamos que o professor deve procurar meios diferenciados a serem trabalhados para superar as dificuldades de aprendizagem relacionadas a leitura e escrita.

Palavras-chave: leitura e escrita; dificuldades; aprendizagem.

Reading and writing: Challenges and perspectives in the early grades of elementary school

Abstract: The present bibliographic research aims to analyze the difficulties of reading and writing learning in the early grades of elementary school. The theme concerns reading and writing in elementary school. It is understood that the domain of reading and writing is of extreme relevance for the construction of a critical subject. Thus, to better understand the difficulties encountered in the daily practice of pedagogical practice, it is important to consider what is reading and writing in a literate world. reading and writing practice. The research is based on a methodology of bibliographic nature. It was very important to understand the phenomenon studied, we believe that the teacher should look for different ways to work to overcome learning difficulties related to reading and writing.

Keywords: Reading and writing; difficulties; learning

Introdução

O presente trabalho analisa as dificuldades da aprendizagem de leitura e escrita nas séries iniciais do ensino fundamental. Para compreender melhor as dificuldades encontradas no

¹ Capítulo de Tese de doutoramento pela Facultad *Interamericana de Ciencias Sociales* (FICS). Professora da Rede Municipal de Educação de Curral de Cima/PB e Pedro Régis/PB. msmsuely@gmail.com. <http://lattes.cnpq.br/3864467796458612>

² Orientador. Professor Dr. Associado da Universidade Estadual da Paraíba. jaksonamancio@hotmail.com. <http://lattes.cnpq.br/7552236462781707>.

dia a dia da práxis pedagógica, é importante considerar o que é leitura e escrita num mundo letrado, acreditamos na necessidade desta discussão por entender que o ambiente escolar tem naturalizado inúmeras questões (nem sempre positivas) no que se refere à prática da leitura e da escrita.

Estamos cientes de que a criança ao adentrar no ambiente escolar não é uma tábula rasa, mas um indivíduo que carrega vivências e experiências, isto é, a criança já traz um conhecimento de mundo, como diria Freire (2001). Desta forma, acreditamos ser estreitamente relevante que o conhecimento prévio carregado pela criança na bagagem de vida, seja considerado, quando do ato de ensinar, ministrado pelo docente.

Autores como Teberosky (1992) já enfatizaram em seus escritos a grande necessidade de dar valor ao conhecimento pessoal de escrita que uma criança tem. A escrita formal é posterior aos ensinamentos dados a criança na vida doméstica, com amiguinhos, enfim na vida social.

Ferreiro (2001) entende que o conhecimento é algo que vai evoluindo, e muda de acordo com a idade do indivíduo, nesse processo são considerados os aspectos culturais, sociais e políticos no qual o sujeito está inserido. Segundo este mesmo autor, a língua escrita e a língua oral, são construções sociais.

As construções sociais ou invenções sociais são criadas para que determinados códigos e símbolos, sejam passados para as gerações seguintes, no intuito de não perder de vista a “identidade” social daquela comunidade. Claro, que devemos destacar que a vida social não é estática, ela está sempre em contínua mudança, pensemos nela como um fluxo e se é fluxo, os códigos podem se transformar também, neste caso, o contexto histórico deve ser necessariamente, levado em consideração.

Dito isso, voltemos à reflexão da escrita. Pensamos que a escrita assim como todos os símbolos e códigos sociais é uma herança dos nossos antepassados. Nem sempre ela se nos apresentou como a exercemos hoje. A escrita também é alvo de mudança, e ao passo que a sociedade foi se tornando mais complexa, ela precisou adaptar-se, não de forma ininteligível, mas que conseguisse explicar o momento atual da época.

Portanto, como os propósitos da linguagem escrita são basicamente os mesmos através das línguas, e como a necessidade de ser compreendido por outros é universal quando se fala em línguas, cremos que existe um, e somente um processo de leitura para todas as línguas,

independentemente das diferenças na ortografia. Não há muitas maneiras de dar sentido a um texto senão que apenas uma.

Pelas mesmas razões, cremos na existência de somente um processo de leitura, independentemente do nível de capacidade com o qual se utiliza este processo. A diferença entre leitor capaz e um que não o é, ou, um principiante, não reside no processo pelo qual é obtido significado a partir do texto. Não existe um modo diferente através do qual os maus leitores, em comparação com os bons leitores, obtêm sentido a partir de um texto. A diferença reside na maneira como cada leitor utiliza este único processo.

Nesta perspectiva, acreditamos, também, que há um único processo de leitura para ler qualquer tipo de texto, independentemente de sua estrutura e do propósito que tenha o leitor no momento de ler. Este único processo de leitura deve ser suficientemente flexível para permitir diferenças nas estruturas das línguas que não apresentam a mesma ortografia, nas características dos diferentes tipos de textos, e na capacidade e propósitos dos leitores.

Sendo assim, visualizamos uma escola que precisa ser mais atenta às dificuldades instaladas no seu público. As crianças devem ser capazes de compreender a mensagem escrita, a partir de sua leitura. Mas para que isso aconteça é evidente que o sistema de ensino como um todo deve colaborar observando as reais necessidades de cada espaço escolar. Um professor satisfeito com seu salário, uma sala de aula com a quantidade certa de alunos seriam os primeiros passos para falarmos de um processo de ensino da leitura e da escrita satisfatórios, pelo menos no que se refere à escola em si, porque ainda estão inclusos aqui, problemas que vão além dos muros escolares.

Dificuldade na Aprendizagem da Leitura e da Escrita e o Fracasso Escolar

Com a contemporaneidade a criança começa a desenvolver dificuldades escolares a qual as que prevalecem são as concepções médicas, psicométricas e sociopolíticas. No entanto foram os médicos os primeiros a se preocuparem com os problemas de aprendizagem, por isso as causas dessa problemática são atribuídas aos fatores biológicos.

Há crianças que apresentam dificuldades em uma área específica onde não conseguem acompanhar os colegas em uma determinada atividade e outras em todas as atividades aplicadas em sala de aula. Porém as crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem possuem a autoestima muito baixa levando a ter um sentimento de fracasso.

Devido esse fato, se faz necessário que haja um trabalho de interação, é preciso que aconteça uma relação de diálogo entre o professor e o aluno, para que juntos possam solucionar a dificuldade apresentada durante a aula. Sendo assim Santos; França; Sobral (2018) apontam que:

Permitir que o aluno crie sua própria interpretação de mundo, fazendo com que ele construa sua própria história é de extrema relevância para o contexto educacional. Logo vemos que entre as ações de auxílio ao desenvolvimento do aluno está em dar autonomia ao mesmo, auxiliá-lo em sua aprendizagem, ter amor pelo ensino e permitir que ele conheça ao mundo a aprendendo com o mesmo. (SANTOS; FRANÇA; SOBRAL, 2018, p.487)

Percebe-se que os problemas que marcam a vida em sociedade marcam também o cotidiano escolar. São manifestações de graves tensões sociais tais como: as desigualdades, a pobreza, as misérias, a fome, as doenças, a violência, a violência doméstica que atinge particularmente as mulheres, os velhos e as crianças, as drogas, a infância abandonada e violentada cada vez mais.

Esses fatores concentram-se nos estabelecimentos educacionais, principalmente, escolas públicas periféricas. São problemas que se comunicam com outros, prejudicando, ou mesmo inviabilizando, o cumprimento da finalidade da instituição escolar que é promover o aprendizado.

A maioria de jovens e crianças tem acesso à escola, mas há estudantes que não encontram o apoio necessário para aprender a ler e escrever, essas dificuldades de aprendizagem impedem que o aluno se desenvolva junto com a classe, se ele não aprende significativamente se acha diferente dos demais colegas de sala de aula, podendo sentir-se desmotivado.

A não aprendizagem dos alunos deve ser compreendida como um problema com causas diversas que influenciam na capacidade de aprender do aluno e não pela ausência de interesse pelos estudos, esse problema quando não diagnosticado e tratado com atenção e a tempo poderá contribuir para que aconteça a repetência ou a evasão escolar.

A aprendizagem é um processo constituído por diversos fatores como os processos neurais ocorridos no sistema nervoso, às funções psicodinâmicas do indivíduo que necessitam apresentar certo equilíbrio, sobre a forma de controle emocional para que ocorra a aprendizagem. Silva e Alves (2019) apontam:

A leitura não é um processo simples, que consiste na aprendizagem de uma série de tarefas mecânicas; ao contrário, ela é concebida como uma conduta muito complexa e elaborada, de caráter criativo na qual o sujeito é ativo quando realiza e põe em ação

todos os conhecimentos prévios, neste caso, do tipo linguístico ou mais especificamente, do tipo gramatical. (SILVA e ALVES, 2019, p.01)

Porém qualquer indivíduo que esteja em processo escolar poderá apresentar algumas dificuldades na aprendizagem da leitura e da escrita. Muitos deles se superam durante o processo, no entanto, outros não conseguem ter o mesmo desempenho, apresentam algumas dificuldades de aprendizagem, podendo ser detectada através de testes de inteligência, feita por um profissional da educação.

Algumas dificuldades podem surgir por diversos motivos como, déficits cognitivos, capacitação do professor, problemas com a família ou problemas na proposta pedagógica.

Nessa perspectiva, quando as crianças ingressam na escola, os professores já conseguem identificar se ela é sadia ou não. Após detectar se a criança é sadia o desempenho na sala de aula vai se apresentar satisfatório. Porém, nos casos de crianças com dificuldades, as propostas pedagógicas terão que ser revistas para aquele público. É comum observarmos professores com grande dificuldade para desenvolver propostas satisfatórias. Essa limitação não abrange a incapacidade dos professores, mas uma gama de fatores que vão além. Neste momento, família e escola parece ser uma parceria mais que necessária, ela é fundamental.

Sabemos, portanto, o quanto são indispensáveis profissionais habilitados para que os orientem e, algumas medidas sejam tomadas adequadamente. Conforme Nogueira e Beserra (2017):

A dislexia é uma dificuldade de aprendizagem que faz com que muitos alunos não aprendam a ler e escrever, com isso, eles se sentem diferentes dos outros alunos e acabam sendo desestimulados. E a aprendizagem é cada vez mais prejudicada. (NOGUEIRA ; BESERRA, 2017, p.163)

Os disléxicos geralmente demonstram insegurança e tem baixa autoestima, está sempre se sentindo triste e culpado por qualquer motivo. Têm dificuldade em suas habilidades na identificação de sons, símbolos gráficos e qualquer material escrito. Muitos se recusam a realizar atividades, que seja individual ou coletiva por medo de mostrar os erros e repetir os fracassos. Por ter dificuldade, não quer dizer que essas crianças sejam menos inteligentes, muitos apresentam um grau de inteligência normal ou superior à maioria da população. A dislexia é vista como uma condição hereditária, mas só acontece em uma pequena porcentagem de casos. Nogueira e Beserra (2017) apontam:

Entende-se por dislexia específica ou dislexia de evolução um conjunto de sintomas reveladores de uma disfunção parietal (o lado do cérebro onde fica o

centro nervoso da escrita), geralmente hereditária, ou às vezes adquirida, que afeta a aprendizagem da leitura num contínuo que se estende do leve sintoma aos sintomas grave. A dislexia é frequentemente acompanhada de transtornos da aprendizagem da escrita, ortografia, gramática e redação. (NOGUEIRA ; BESERRA, 2017, p.155)

Em suma, toda criança disléxica se acha incapaz de realizar suas tarefas, portanto, a motivação é essencial para elas. Quando a criança é motivada, se vê acolhida e compreendida, começará a desenvolver sua aprendizagem.

Outro aspecto a ser observado é a “Disgrafia” os digráficos apresentam características semelhantes à dislexia, tem grande dificuldade na escrita, porém consegue ler. Podendo ser classificada em disgrafia do pré-escolar, caligrafia e especialidade, frases, ortografia e gramática.

As crianças que sofrem de disgrafia não recordam as letras e escrevem lentamente palavras que outras pessoas não conseguem entender o significado: as letras podem estar unidas ou muitas letras indevidas. Outro ponto relevante a ser avaliado é a disgrafia motora, a criança tem dificuldade na coordenação motora, ou seja, ver a figura gráfica, mas não consegue fazer os movimentos para escrever. Já a disgrafia perceptiva, a criança não consegue fazer relação entre as grafias e os seus respectivos sons, as palavras e as frases e o sistema simbólico. Segundo Silva (2019):

A criança também pode ter problemas de: disortográfica, a característica principal de um disortográfico são as confusões de letras, sílabas de palavras e trocas ortográficas, já trabalhadas em sala de aula. (SILVA, 2019, p.100)

O professor deve observar se a criança apresenta problema de: dislalia, é praticamente a má pronúncia das palavras, seja omitindo, acrescentando, trocando ou distorcendo os fonemas. Encontram-se em caso de malformações congênicas ou são devido a enfermidades do sistema nervoso central. Quando não encontramos alterações físicas, esta é chamada de dislalia funcional, nas crianças é comum à típica dos hiperativos, nos deficientes mentais às vezes são graves, a ponto da linguagem ser acessível apenas ao grupo familiar.

Já a afasia é uma lesão adquirida do sistema nervoso central, que afeta a capacidade de compreensão auditiva, linguagem, expressão oral, leitura e escrita. O indivíduo que sofre de afasia apresenta-se perturbado nos seguintes aspectos: tem dificuldade em perceber o significado dos gestos das outras pessoas; tem dificuldade em fazer gestos para expressar o que deseja ou sente; tem dificuldade em compreender o que lê e limita-se a falar, usa apenas poucas

palavras. Tem dificuldade em interpretar valor monetário, principalmente na utilização do dinheiro.

A discalculia, por sua vez, é um distúrbio de aprendizagem em lidar com conceitos matemáticos, símbolos, números e raciocínio lógico matemático.

A falta de atenção é um dos problemas mais comuns visto em crianças, essa deficiência está centrada na falta de concentração. Geralmente pode-se notar esse tipo de problema quando a criança é inserida nas atividades de aprendizagem na escola pelos professores das séries iniciais, e está ligada a uma linguagem corporal que caracteriza a hiperatividade ou a hipoatividade.

Hiperatividade, é a deficiência de falta de atenção que o leva a passar de um estímulo a outro, está sempre ligado em tudo, não consegue centralizar sua atenção em uma única coisa.

Hipoatividade, por sua vez, apresenta um nível baixo de atitude psicomotora, tendo memória pobre e comportamento vago, não consegue interagir com o meio social, por apresentar uma reação lenta.

No processo da leitura aparecem alguns distúrbios que dificultam a aprendizagem das crianças esses distúrbios podem ser classificados em problemas da leitura oral, da leitura silenciosa, da compreensão da leitura e da manipulação de símbolos (a dislexia, como vimos anteriormente).

O processo de aprendizagem, referente à leitura e a escrita, é complexo, pois cada criança nos anos iniciais do ensino fundamental tem seu ritmo próprio que precisa ser trabalhado de forma intensificada, respeitando-se as diferenças e seu nível de desenvolvimento intelectual, social, cultural, afetivo, psicomotor e educacional. (SILVA; LEANDRO; BEZERRA; LIMA, 2019, p.282)

A dificuldade na leitura oral pode ser ocasionada através de informações distorcidas que os órgãos da audição ou da visão tenham recebido. Pode ocorrer devido à dificuldade de percepção auditiva ou visual.

Na dificuldade visual, dois tipos de problemas relacionados à discriminação visual, podem ser identificados. Um deles é o defeito existente na visão, que pode ser corrigido através do uso de lentes apropriadas. O outro é a incapacidade para diferenciar, de recordar, devido à disfunção do sistema nervoso central, que incapacita a criança de raciocinar de forma correta.

A esse respeito José e Coelho (1991) destacam alguns problemas de discriminação visual. Troca de letras ou palavras semelhantes, (por exemplo, “o” e “e”, “f” e “t”, “bolo” e “bola”). Dificuldade no ritmo da leitura. Reversão: troca o “b” pelo “d”, o “p” pelo “q”.

Inversão: lê o “u” em lugar do “n” o “p” no lugar do “b”. Dificuldade em seguir sequências visuais. Dificuldade de ler da direita para a esquerda. Adição: adicionar palavras que não estavam no texto. Omissão: ler omitindo palavras ou frases. Repetição: repete palavras ou frases inteiras. Agregação: lê acrescentando letras as palavras.

Dificuldade Auditiva implica-se na dificuldade de discriminação de sons acusticamente próximo uns dos outros. Na leitura, as dificuldades de discriminação auditivas constatadas mais frequentem são as trocas de consoantes surdas por sonoras: f/v, p/b, ch/j, t/d, s/z, c/q; troca de vogal oral por nasal: na/a, in/i, on/o, um/u; pontuação ausente ou inadequada; eloquência hesitante ou inexpressiva; incapacidade para ouvir sons iniciais ou finais das palavras; análise e síntese auditiva deficiente: a criança não é capaz de separar uma palavra em sílabas ou sons individuais e juntá-las na formação de outras palavras.

Por esse motivo, todas as crianças que sofrem dessas dificuldades precisam ser acompanhadas por profissionais qualificados na área, que os ajudem, para que elas tenham êxito na sua aprendizagem.

A leitura silenciosa também apresenta certas dificuldades. Alunos que sofrem deste mal são diagnosticados com lentidão de leitura de texto, repetição de frases com frequência, cochichar ao fazer uma leitura, sente a necessidade de apontar palavras, algumas vezes se perde de linha durante a leitura.

Outra dificuldade apresentada refere-se à própria compreensão da Leitura, as dificuldades nesta área interferem na velocidade da leitura, por ter uma deficiência vocabular, que é identificado quando o indivíduo faz uma leitura silabando e não consegue reter o texto impedindo uma boa compreensão.

Comprendemos que os processos educativos devem envolver também afetividade, o que significa não deixar de lado alunos com algum problema. Pelo contrário, esses alunos devem ser acompanhados com cuidado e prática pedagógica, além de diagnosticar o que realmente está atrapalhando a aprendizagem do mesmo. É preciso, portanto, descobrir as áreas mais comprometidas com as dificuldades, onde o professor procurará minimizá-las. Assim sendo, poderemos falar positivamente do processo de ensino e, conseqüentemente, da aprendizagem.

Procedimento metodológico

O presente trabalho contou com a pesquisa bibliográfica, tendo por base a fundamentação teórica de autores que trabalham com tema do artigo, no qual foram levantados subsídios para a elaboração dos textos presentes nos capítulos.

De acordo com Gil (1991, p.44), “[...] a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Desta forma a pesquisa bibliográfica permite ao investigador um leque de informações presentes em escritos.

Nessa concepção, a pesquisa bibliográfica foi de grande importância para uma maior compreensão e entendimento a respeito do processo de leitura e escrita, apresentando uma visão geral sobre esses aspectos por meio de dados estatísticos que trazem resultados da realidade do ensino brasileiro dentro do cotidiano escolar.

As dificuldades de aprendizagem e o fracasso escolar

Segundo dados da UNESCO, cerca de 263 milhões de crianças e adolescentes estão fora do âmbito escolar em todo o mundo. A maioria desse público compõe-se por jovens na idade de 15 a 17 anos, que deveriam estar cursando o nível médio. Crianças entre 6 e 14 anos somam 9% da taxa, o que equivale a 63 milhões de crianças, fora das salas de aulas. A pesquisa apontou ainda que há uma verdadeira disparidade entre países ricos e pobres. Os primeiros tendem a ter menos crianças e adolescentes longe dos espaços escolares, já os países pobres têm um número maior desse público sem estudar.

No Brasil, existem cerca de 2,7 milhões de crianças entre 7-14 anos (ensino fundamental) que não frequentam a escola e a maior parte delas (78%) vive nas regiões Nordeste e Sudeste. O Sudeste abriga, aproximadamente, 700 mil crianças em idade escolar que não estão estudando.

Segundo Patto (1993), a reprovação e a evasão na escola pública (ensino fundamental) continuam a assumir proporções inaceitáveis e, esse problema torna-se mais grave quando são analisados os números referentes às décadas passadas que indicam sua reincidência.

Há pesquisadores procuram explicar o insucesso escolar apontando para as características físicas e fatores de ordem biológica como a nutrição e a saúde, bem como, também direcionam seus estudos para as características psicológicas da criança. As condições sociais e os métodos educacionais também são levados em consideração. Tem-se, também, procurado salientar a importância de uma análise do rendimento escolar em função das características individuais de famílias pertencentes à mesma classe social (Carraher e Schliemann, 2002 e Yaegashi, 1977).

Nessa linha de pensamento, podemos observar que a explicação para o fracasso escolar se deslocou a partir dos anos setenta, da esfera biológica para a esfera cultural; passando a centrar-se na defasagem sociocultural que as crianças, principalmente, as de baixa renda, possuíam ao entrar na escola. As diferenças puderam, então, ser explicadas sob os pontos de vistas cultural e psicológico

Dessa forma, o problema do fracasso escolar ressalta somente a criança, e a instituição escolar, com seus valores, seus métodos, seus critérios, sua didática e sua organização continuam fora do debate.

Segundo Oliveira et. al. (2019, p.776) “É preciso refletir sobre as práticas desenvolvidas, baseá-las conforme os sujeitos envolvidos: escola-família-sociedade.” É, a partir da segunda metade dos anos setenta que uma nova tendência de pesquisa começa a surgir, tendo como característica a atenção a participação da própria escola nos resultados por ela obtidos.

É importante notar que, se nos anos de predomínio da teoria da deficiência cultural, os aspectos relativos à dinâmica interna da escola receberam pouca atenção e, se na vigência da teoria da diferença cultural, a responsabilidade da escola pelo fracasso ficou limitada a sua inadequação a clientela; à medida que as pesquisas foram desvendadas mais criticamente, aspectos da estrutura e do funcionamento do sistema escolar, ao invés da tendência em atribuir a clientela as causas de o fracasso escolar ter sido superada, foi apenas acrescida de considerações sobre a má qualidade do ensino que se oferece a essas crianças, parecendo afirmar que a escola está inadequada à clientela carente. Em outras palavras, o pressuposto da deficiência dessas crianças ainda continuou sendo a pedra de toque das explicações das vicissitudes de sua escolarização. A medicalização do fracasso escolar e sua explicação, sutilmente calçada no preconceito racial e social, ainda permanecem em vigor em plena década de noventa (PATTO, 1993).

Leite (2008) aponta que as mais frequentes categorias de respostas, citadas por educadores entrevistados e relacionadas às explicações tradicionais do fracasso escolar são, em ordem decrescente, o Q.I baixo, a subnutrição, a imaturidade e os problemas emocionais. Percebe-se claramente que tais concepções reforçam a ideia de que o problema está no indivíduo e, não, nas condições ambientais.

É importante mencionar que, se por um lado, nas explicações tradicionais do fracasso escolar, a culpa recai no aluno, sem que se leve em conta o papel da escola e das demais condições de vida dele; por outro lado, existem evidências sólidas de que alunos que fracassam na escola, não são, de modo algum, incapazes de raciocinar e aprender (CARRAHER E SCHLIEMANN, 2002).

Leite (2008) evidenciou dois grandes determinantes do fracasso escolar. O primeiro é o nomeado de “fatores extraescolares”, representados por uma série de fatores relacionados à realidade socioeconômica a que está submetida a maioria da população brasileira, caracterizada pelas relações de trabalho e de pobreza. Simultaneamente as variáveis extraescolares, existem os “fatores intra-escolares” que englobam a distância cultural entre a escola pública e sua população, a ineficácia da formação e treinamento dos professores, os problemas relacionados aos programas de ensino e práticas escolares e a própria burocracia pedagógica.

A luta contra o fracasso escolar, na realidade, confronta-nos com as contradições e complexidades da nossa sociedade (ANDRÉ, 1996).

Outra crença que Patto (1993) encontrou nas pesquisas brasileiras para a explicação do fracasso escolar se refere a menor capacidade da criança pobre para aprender os conteúdos escolares, presente na “teoria da carência cultural” que se estabeleceu no pensamento educacional brasileiro a partir dos anos setenta.

Almeida (1995) destaca que o fracasso escolar é um fenômeno recorrente na história educacional brasileira. E ainda é possível destacar que se o aluno fracassa a escola também fracassa, ou seja, todo o sistema social sofre o mesmo.

Levando em consideração o que os autores acima mencionaram pensamos que as causas do fracasso escolar não residem, única e exclusivamente, no indivíduo como queriam alguns pesquisadores, ou apenas na estrutura escolar. Quando falamos de insucessos no campo educacional, temos que ter em mente toda a estrutura social na qual esta educação, ou melhor, este sistema educacional está inserido.

Neste contexto, citaremos o IDEB – índice de desenvolvimento da educação básica, criado em 2007, é uma espécie de indicador nacional que viabiliza o monitoramento da educação através de dados. O cálculo do IDEB leva em consideração o desempenho dos alunos nos exames que são aplicados pelo Inep e as taxas de aprovação escolar. O rendimento escolar é contabilizado por meio do Censo Escolar que se realiza anualmente.

A Prova Brasil, aplicada nas escolas municipais e o SAEB (Sistema de avaliação da educação básica), aplicado nos estados, são os dispositivos utilizados na medição do rendimento escolar que costumam ser realizados a cada dois anos.

Vale salientar que as metas estipuladas pelo IDEB não são iguais. Para cada escola e rede de ensino teremos uma meta diferente. O objetivo é único: alcançar seis pontos até o ano de 2020. Esta média seis é o equivalente aos países desenvolvidos e seus sistemas educacionais.

De acordo com o artigo 5º da portaria Inep nº 366, de abril deste ano. Realizado pelo Inep em conjunto com os estados, municípios e o distrito federal, o Saeb conceituado em seu artigo 2º como:

[...] um sistema de avaliação externa em larga escala, composto por um conjunto de instrumentos, realizado periodicamente pelo INEP desde os anos 1990, e que tem por objetivos, no âmbito da Educação Básica:

I - Produzir indicadores educacionais para o Brasil, suas Regiões e Unidades da Federação e, quando possível, para os Municípios e as Instituições Escolares, tendo em vista a manutenção da comparabilidade dos dados, permitindo, assim, o incremento das séries históricas;

II - Avaliar a qualidade, a equidade e a eficiência da educação praticada no país em seus diversos níveis governamentais;

III - Subsidiar a elaboração, o monitoramento e o aprimoramento de políticas públicas em educação baseadas em evidências, com vistas ao desenvolvimento social e econômico do Brasil;

IV - Desenvolver competência técnica e científica na área de avaliação educacional, ativando o intercâmbio entre instituições de ensino e pesquisa (BRASIL, 2019, p. 01).

O Saeb, portanto, tem como meta a produção de indicadores para medição dos níveis de ensino apresentados por cada região do país, objetivando minimizar as disparidades existentes entre os entes da federação. Desta forma, monitorar e proporcionar melhorias nas políticas públicas destinadas à educação.

São sete as dimensões de qualidade da educação que se interseccionam e que são consideradas pelo Saeb, visando à integração dos estudantes, tais dimensões estão expressas no art. 3º e são pensadas em termos de: “I - Atendimento Escolar; II - Ensino e Aprendizagem; III

- Investimento; IV - Profissionais da Educação; V - Gestão; VI - Equidade; e VII - Cidadania, Direitos Humanos e Valores” (BRASIL, 2019, p. 02).

Participam do Saeb, 2019, todas as escolas públicas localizadas na zona rural e urbana que tenham dez ou mais alunos matriculados “no 5º e 9º ano do Ensino Fundamental e na 3ª e 4ª série do Ensino Médio (tradicional e integrado)”.

Contudo, vale salientar que a participação das escolas não é obrigatória. É preciso que a escola queira participar. A partir do momento que a escola se mostra interessada a participar do Saeb os requisitos para sua participação acontecem por meio do Censo Escolar.

Neste processo as secretarias de educação colaboram com o Inep auxiliando este último na articulação com as escolas avaliadas em cada Estado da federação brasileira.

O Saeb é um exame democrático, já que poderão participar do mesmo, estudantes que possuem deficiência desde que inscritos no Censo Escolar. E sempre que a escola considere necessário, os profissionais da educação especial podem acompanhar os estudantes durante a aplicação da prova. Vejamos como isso se expressa nos artigos 12 e 13 do Saeb.

O Art. 12 anuncia que:

Os estudantes com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação poderão participar do SAEB 2019, desde que estejam devidamente registrados no Censo da Educação Básica 2019 e que componham a população alvo do SAEB 2019, conforme determina esta Portaria (BRASIL, 2019, p. 04).

E o artigo 13 complementa:

Os profissionais que rotineiramente acompanham os estudantes da educação especial que fazem parte da população alvo poderão estar presentes durante a aplicação dos instrumentos, sempre que a escola considerar necessário, desde que isso seja informado no agendamento da aplicação e que o Termo de Compromisso seja devidamente assinado (BRASIL, 2019, p. 04).

Devemos ressaltar que a metodologia utilizada no Saeb permite a comparação entre as escolas ao longo dos anos. E em 2019 as provas serão aplicadas no mês de outubro para 7 milhões de estudantes. Os resultados serão contabilizados no Ideb 2020.

Considerações Finais

Durante o desenvolvimento desta pesquisa observamos o quanto é importante refletir a prática constante de motivação à leitura. São complementares e estão fortemente relacionadas com todo o desempenho da motivação da leitura. Quanto mais atos de leitura a escola proporcionar mais futuros cidadãos preparados para enfrentar o cotidiano escolar nós teremos não só na escola, mas, também perante a sociedade.

Portanto, trabalhando dessa forma estaremos formando cidadãos críticos para atuar com dignidade na sociedade. Nesse sentido é necessário utilizar procedimentos de implementação de políticas públicas de erradicação das dificuldades de aprendizagem, investindo numa formação de qualidade para os professores e oferecendo condições mínimas de trabalho para que os mesmos possam dedicar mais tempo da sua carga horária para o preparo das aulas, de forma que sejam mais estimulantes e motivadoras para os anos iniciais do ensino fundamental.

Formando assim, cidadãos críticos e reflexivos para atuar na sociedade na qual estão inseridos para serem bom leitores, acompanhando o avanço científico e tecnológico da sociedade. Construindo um saber desmitificado, uma vez que a produção do conhecimento e a criação de novas tecnologias dependem do nível e da qualidade da formação das pessoas.

Referências

BRASIL. **Sistema de Avaliação da Educação Básica**. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/educacao-basica/saeb> Acesso: 10 de mar .2019.

CARRAHER, T. N., REGO, L. L. B. Oralismo nominal como obstáculo na aprendizagem da leitura. **Cadernos de Pesquisa**, n.39, novembro, 1981.

FERREIRO, E. **Reflexões sobre alfabetização**. Tradução: Horácio Gonzales, 24. edição. São Paulo: Cortez, 2001.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

NOGUEIRA, Maria Zuleide de Lima; BESERRA, Theóphilo Michel Álvares Cabral. Dislexia: Leitura e Escrita numa Perspectiva Bibliográfica. **Id on Line Rev. Psic.** V.10, N. 33. Janeiro/2017 - ISSN 1981-1179

OLIVEIRA, Rosaline Bezerra de; AZEVEDO, Joseane Batista de; SILVA, Marta Suely Madruga da; SILVA, Almir de Farias; ABREU, Marinaldo Pontes de; OLIVEIRA, Samuel

Bezerra de; TARGINO, Jairo Rangel. Desafios da Formação Continuada de Professores de Matemática nos Anos Finais do Ensino Fundamental. *Id on Line Rev.Mult. Psic.*, 2019, vol.13, n.45, p. 773-783. ISSN: 1981-1179.

PATTO, M. H. S. **A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia.** São Paulo: Queroz, 1993.

SANTOS, Adriana Maria dos; FRANÇA, Aurenia Pereira de; SOBRAL, Maria do Socorro Cecilio. *Leitura e Escrita: Um Relato de Dificuldades de Aprendizagem nos anos iniciais do Ensino Fundamental.* **Id on Line Rev. Mult. Psic.** V.12, N. 42, , Supl. 1, p. 481-490, 2018 - ISSN 1981-1179

SILVA, Marta Suely Madruga da. **Leitura e escrita no ensino fundamental I: uma análise teórica.** Outubro, 2019. 194p. Tese (Doutorado) – Facultad Interamericana de Ciencias Sociales / FICS – Paraguai, outubro de 2019.

SILVA, Marta Suely Madruga da. ALVES, J. J. A. A leitura e a escrita no contexto educacional **Revista Científica Semana Acadêmica.** Fortaleza, ano MMXIX, Nº. 000184, 06/11/2019. Disponível em: <https://semanaacademica.org.br/artigo/leitura-e-escrita-no-contexto-educacional>. Acessado em: 17/11/2019.

SILVA, Francisca Marly Moreira da; LEANDRO, Irineide Santos; BEZERRA, Girlândia Pereira; LIMA, Edinalda Ferreira de. *Letramento: Desafios e Perspectivas do Ensino nos Anos Iniciais.* **Id on Line Rev.Mult. Rev. Mult. Psic.** V.13, N. 45. p. 276-286, 2019 - ISSN 1981-1179

TEBEROSKY, A; L **Aprendendo a escrever: Perspectivas psicológicas e implicações educacionais.** Trad. Cláudia Schilling. Barcelona: Horsori, 1992.

Como citar este artigo (Formato ABNT):

SILVA, Marta Suely Madruga da; ALVES, José Jakson Amancio. *Leitura e escrita: Desafios e perspectivas nas séries iniciais do Ensino Fundamental.* **Id on Line Rev.Mult. Psic.**, Dezembro/2019, vol.13, n.48 SUPLEMENTO 1, p. 339-353. ISSN: 1981-1179.

Recebido: 26/12/2019;

Aceito: 27/12/2019